



Fenomenologia da linguagem e enunciação*

Francesco Marsciani **

Tradução de Iara Rosa Farias ***

Resumo: Uma teoria da enunciação de natureza semiótica requer uma radicalização das teses fenomenológicas sobre a produção do discurso. Nessa perspectiva, uma semiótica da subjetividade não pode prescindir de uma consideração convicta da dimensão intersubjetiva que representa, sob o prisma fenomenológico, a instância constitutiva do sentido do mundo. O texto discute, pois, como a teoria da significação ainda não se conciliou suficientemente com esta opção fundamental, buscando mostrar que a teoria da enunciação, por exemplo, se encontra até agora presa na alternativa entre uma percepção egológica da produção do sentido e uma concepção verdadeiramente intersubjetiva. Conclui-se, assim, que um entendimento propriamente intersubjetivo da constituição de sentido deve integrar, na teoria da enunciação, uma autêntica abordagem da alteridade, na qual se pode descrever a produção de intenções comunicativas a partir de uma intencionalidade transcendental mais fundamental.

Palavras-chave: fenomenologia, linguagem, enunciação, subjetividade, semiótica

É claro que não há fenomenologia da linguagem sem uma retomada forte e constitutiva da problemática da palavra pronunciada, do dizer vivido, da produção linguística como experiência viva, materiais que se desenham a cada reflexão sobre linguagem e sobre suas características. É o quadro no qual estão contidas as linhas traçadas por um certo Husserl, por Pos e por Merleau-Ponty, que resolveu, depois de 1945, quando publicou *Fenomenologia da percepção*, fazer as contas com Saussure. É o quadro no qual também hoje volta à atualidade uma questão sobre as condições fenomenológicas da nossa ciência da linguagem, linguística e semiótica, sobre suas condições e sobre formas assumidas por sua objetividade. Em recorrentes ondas, as estruturas vêm sendo levadas a fazer as contas com a vida que nelas habitam, com os processos de estruturações que a fazem ser e com as línguas cujos discursos a fazem viver. Estamos talvez no topo de uma nova e recente onda de preenchimento do formal, da incorporação das sintaxes, da abertura das confi-

gurações atestadas em direção a possibilidades que chegam aos seus limites. De novo se suspeita que haja uma razão de ser, da qual todo nosso conhecimento científico decreta o ocultamento, que haja quase uma pulsação, e que de uma tal pulsação torna-se, então, necessário fazer uma fenomenologia.

Poderia-se, todavia, dizer mais. Poderia-se tentar sustentar, com o olhar de algumas décadas transcorridas, que não há fenomenologia *tout court*, e não apenas uma fenomenologia da linguagem, sem uma teoria da enunciação, e não apenas uma problemática da palavra enunciada, da palavra viva enquanto gesto. Como se vê, se assim fosse, seriam duas as passagens: passaria-se da fenomenologia da linguagem à fenomenologia como projeto filosófico geral, e passaria-se de uma problemática da palavra pronunciada a uma teoria da enunciação. São duas passagens terminológicas, e conceituais, orientadas para duas direções opostas da linha derivacional, a primeira em direção à montante, de um sentido originário, de uma

* A versão original deste texto (*Fenomenologia del linguaggio e enunciazione: una post-fazione.*) foi publicada em italiano como posfácio do livro *Fenomenologie del linguaggio. Omaggio a Emile Benveniste* (Ariccia, RM: Aracne Editrice, 2016, pp. 43-50), juntamente com textos de Paolo Fabbri, Maurice Merleau-Ponty, Hendrik J. Pos, Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio.

** Professor Associado da Universidade de Bolonha no Departamento de Artes, atuando na área de Filosofia e teoria da linguagem. Endereço para correspondência: { francesco.marsciani@gmail.com } .

*** Professora do curso de Letras da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), na área de Estudos da Linguagem. Endereço para correspondência: { irfarias2@gmail.com } .

fenomenologia específica, uma filosofia de campo, por assim dizer, para um tipo de fundamento ideal que sustenta o sentido complexo de todo um projeto de pensamento; a segunda em direção à jusante, de um desenvolvimento, de um fenômeno vivido, de uma experiência concreta, para o conjunto das categorias que possibilitam articular condições. A fenomenologia da linguagem revelaria, então, neste caso, a dimensão interna cujo valor filosófico de todo empreendimento fenomenológico pode mostrar-se, pode revelar-se e ser dito, e uma teoria da enunciação, por sua vez, resultaria na realização teórica e conceitual dos modos possíveis da experiência linguística, da sua forma, do conjunto das suas condições estruturais.

A fenomenologia, na sua versão husserliana, e depois na sua retomada merleau-pontiana, foi, diremos de bom grado, o traçado obstinado de um caminho quase inelutável para uma problemática do Sentido, em seus termos mais gerais e na sua versão mais constituinte. No fim da cadeia das reduções e depois de mergulhar nas estruturas da consciência egológica, a fenomenologia se encontrou defronte ao Sentido e, muito mais concretamente, defronte ao modo pelo qual a linguagem articula as suas posições, defronte a uma linguagem que faz a função de fixação conceitual, frente à sua capacidade de constituir idealmente e, voltada mais uma vez à dinâmica do sujeito, frente às estruturas pronominais com a qual a linguagem flexiona a instância que cada falante representa. Não é este o lugar a se percorrer de novo, os passos que poderiam interessar-nos, mas basta recordar que a redução transcendental, a última e a mais radical *epoché* é o resultado que conduz à fenomenologia madura para o problema do Sentido (como valor da reflexão universal dentro do mundo-da-vida) e em direção à sua versão intersubjetiva, versão que coloca explicitamente em campo o tema da comunicação entre instâncias (no entanto, sob uma forma curiosamente monadológica). Mundo-da-vida e subjetividade instanciada não é pouca coisa. Para uma fenomenologia que parecia dever ser a ciência das estruturas da consciência (consciência individual dotada de um corpo-próprio), a passagem em direção ao horizonte representado do mundo-da-vida, ao invés do mundo-polaridade correlativo ao Ego, pode representar quase um abalo, uma inversão de perspectiva, no mínimo um salto, que é lógico e ontológico, em direção a uma dimensão legível de uma racionalidade diferente, racionalidade na qual o conjunto das condições formais possa encontrar e assumir, em contraste com a aparência do movimento típico que acabamos de mencionar, um papel central e constitutivo.

Além da subjetividade incorporada, além da palavra-gesto, além da consciência que se externaliza graças às formas linguísticas, o mundo-da-vida já está sempre lá fora e, todavia, ao invés de estar à minha frente, me

contém e me define, dando-me as condições que tornam possível o meu ser-com, o meu viver-com, o meu valer-com, pura alteridade que sou, e que o mundo, ao mesmo tempo, e da mesma forma, é. A correlação Sujeito-Objeto, na sua versão Eu-Mundo, se volta em direção a uma nova relação que pode ocorrer e com isso o Sujeito fazer a vez também de Objeto, e o Eu sou, também ser Mundo. Instanciação da subjetividade. . . ei-la aqui e que se recorta entre a possibilidade do dar-se correlativo, do tomar forma, Mundo que, de vez em quando, torna-se o Outro para alguém e depois Alguém para um Outro ainda. Um mundo como esse, que é mundo-da-vida para Husserl, mas que coincide facilmente com a carne-do-mundo merleau-pontiana, é a própria possibilidade que dá a diferenciação e articulação entre pólos, em que aparece a singularidade funcional, em que cada um se coloca no mundo como cada um, se sustentando em um espaço que então não é mais seu (o seu Mundo), mas que compõe uma subjetividade mais ampla, uma subjetividade relacional, toda correlativa, aquela que os fenomenólogos finalmente disseram ser uma Intersubjetividade. Ora, o que mais conta nesta passagem, neste movimento, é que entre os pólos da correlação não há na verdade mais separação, não há alteridade substancial, que é o risco que a fenomenologia, não sendo estrutural, sempre correu, o de colocar em relação duas entidades preconstituídas. No fim se torna claro, pois que assim não poderia ser: Sujeito e Objeto fazem passos de dança, fazem um jogo das partes, são o que são pelas posições que tomam, pelas posições em que se colocam. Na última fenomenologia, o Sujeito e o Objeto se encontram resolvidos enquanto possibilidade de realização, possibilidade toda imersa no horizonte amplo do mundo-da-vida e dinamizada por um fator de circulação que só pode ser o Outro, o Outro como cada um é, sempre na estrutura da intersubjetividade.

Podemos dizer isso, indicar o lugar e afirmar a sua relevância, podemos confirmar a consistência viva da nossa relação com o mundo e um com outro, podemos entender esta relação como aquilo que determina a distribuição dos valores dos quais nos sentimos testemunhas e portadores, podemos promover este tipo de apreensão totalizante sobre aquilo que constitui a condição do Eu e do Mundo enquanto correlatos, podemos refazer a vida. É verdade, contudo, que, por outro lado, revela-se uma falta, uma falta “científica”, um atraso na nossa capacidade de descrição do fenômeno que produz a própria relação. A linguística do discurso é o nome que damos ao índice marcado sobre esta necessidade de descrição, e uma teoria da enunciação é a forma semiótica que pode, segundo muitos, dar conta dessa exigência de apreensão articulada, racional, de vocação descritiva. O movimento com o qual estamos lidando é o seguinte: uma ciência da linguagem, na sua forma de conhecimento objetivo, a linguística institui-

onalizada, atribuída mais ou menos corretamente às linguísticas do século XX, compreendida a linguística saussuriana e as suas derivações, se descobre separada do seu fundamento vivente e encontra o gesto fenomenológico como suporte para um contato renovado, que é também uma motivação, com a produção real de objetos dos quais é ciência. Estas condições que a fenomenologia assinala, no entanto, solicitam, no interior mesmo da racionalidade fenomenológica, ser resolvidas em uma nova forma de “cientificidade”, por sua vez descritiva e inevitavelmente objetivizante. Pode um tal movimento se resolver em uma progressiva ampliação do campo de objetos? Podemos entender a apreensão das condições subjacentes nos termos de uma extensão de perspectiva? Podemos nos contentar em dizer que existe isso e depois isso também, aquela condição e depois também aquela outra condição, e assim progressivamente, e dar conta cientificamente de todas? É o problema que Husserl havia encontrado, na sua forma essencial, no decorrer da *Crise das Ciências* europeias (objetivização progressiva dos campos que articulam o mundo-da-vida como substrato da intencionalidade real) e já nessa obra pedia a criação de uma nova forma de racionalidade científica. Ora, como se sabe, algumas instâncias da fenomenologia encontraram a epistemologia estruturalista e autores como Merleau-Ponty, Lévi-Strauss e depois Foucault, entre outros, se puseram a pensar conjuntamente o fenomenológico e o linguístico, o fenomenológico e o semiótico. Ao voltar nosso olhar e nossa sensibilidade para trás, aqueles poderiam ser considerados os anos verdadeiramente fundantes para uma forma inédita de pensamento, a abertura a uma vocação científica sobre o Sentido e sobre a possibilidade de se falar dele de maneira sensata (Greimas). Por outro lado, “A atualidade do saussurismo” (Greimas, 1956) chamava outra vez Merleau-Ponty entre os inspiradores de um projeto voltado à elaboração não formalista das formas do sentido e ao mesmo tempo tendíamos à sensibilização para uma formulação amigável nos contornos de um novo terreno de exercício dessa “inaudita cientificidade”: ciência dos sistemas e dos processos de significação; sistemas (paradigmas, estruturas, organização dos possíveis) e processos (dinâmicas, produções, orientações e fluxos). Basta pensar os sistemas como quadro das possibilidades nos quais se exercitam as dinâmicas da produção discursiva e os processos como a fonte inesgotável de formalizações, das disposições em configurações, para obter uma visão ao menos extensiva do projeto semiótico, uma visão que, se de um lado é promissora, do outro requer categorias e instrumentos descritivos adequados.

Ora, acredito que existam as condições para entender com clareza suficiente o ponto: semiolinguística, digamos assim, e fenomenologia se encontrarão, se quiserem (isto é, se quiserem responder àquilo que me

parece uma exigência inadiável, como há pouco tentei dizer), ali onde os seus percursos deixam entrever um resultado comum. Para entender: não se pode continuar a fazer fenomenologia hoje sem levar em conta o fato de que o tema do Sentido, enquanto tal, se impôs não fora, no mundo habitado pelos linguistas, filósofos da linguagem e semiólogos, mas no interior do traçado fenomenológico (de Husserl a Merleau-Ponty, a Lévinas e, por fim, a Heidegger) e que o Sentido, então, se torna a ordem das coisas do que a fenomenologia é necessariamente a descoberta e a problematização, o que no entanto, de algum modo e em qualquer caso, os contornos e as dobras são marcados mesmo sem um Objeto em seu sentido próprio. De outra parte, não se pode fazer semiolinguística sem assumir até as últimas consequências a tarefa que uma nova ciência impõe, de construir elaborações estruturais da formalização, de elaborar uma verdadeira e própria teoria da significação que saiba trazer de volta o Sentido, o mesmo sentido que a fenomenologia encontrou, entre as condições da sua descritibilidade, a qual, para dizê-la com a semiótica, são exatamente as condições da sua possibilidade de significar. É um exemplo, na forma de um problema, e de uma oportunidade ao mesmo tempo, o tema da Enunciação como o conhecemos e o tratamos internamente no projeto semiótico. Se, de um lado, a fenomenologia nos pede uma teoria da produção discursiva, de outro, sua elaboração requer uma atitude compatível com a vocação estrutural da racionalidade que se coloca em campo. É a isto que se chegou, então? Em boa parte sim, não existe dúvida e é inegável que a referência mais importante para a realização de um projeto semelhante é representado pela pesquisa de Benveniste sobre a linguística do discurso, em particular quando ele entrevê a possibilidade de resolver em termos linguísticos o problema da constituição da subjetividade (e, gostaria de dizer, ao mesmo tempo da objetividade). É a atividade discursiva, atividade linguística de todo modo, que se apresenta como quadro no qual a construção da subjetividade se torna possível, e as condições que permitem exprimir e produzir posições subjetivas são condições semio-linguísticas porque estão inscritas na sintaxe linguística, nos morfemas das línguas, nas operações e nos pronomes, nas preposições, nas categorias verbais, etc. É a língua a dimensão da subjetividade pois é ela, por si mesma, que regula a modalidade da emersão e de realização.

No entanto, parece possível abrir a proposta de Benveniste e nela reconhecer a coexistência não explícita de duas alternativas, duas indicações de método e de substância. A língua (ou talvez a linguagem, mas sobre isso precisaria dar mais atenção ainda) é o lugar onde a subjetividade pode exprimir-se, adquirir o estatuto de subjetividade dada, formada, exposta e comunicada, ou antes é o sistema que produz subjetividade como

um pressuposto de existência, quase condição necessária, conquanto residual, um tipo de efeito inevitável, mas secundário, como modo suplementar (Derrida, talvez...)? É verdade que, às vezes, nos artigos em que Benveniste se dedica expressamente à questão, é possível ler ambas as versões e que, aparentemente – e de algum modo, no momento da elaboração da proposta – as duas orientações pareciam compatíveis, ao menos porque estavam ocultadas pela importância inovadora da hipótese. Mas hoje, quando se trata de levar em conta o estatuto fenomenológico da subjetividade ativa, da sua forma e das suas relações com a língua como sistema objetivável, com a prática produtiva e transformativa do sentido nas suas relações com a textualidade produzida, com o tipo de vínculo categorial que explica a relação entre enunciado e enunciação, produção do discurso, atividade linguística e semiótica, processos e dinâmicas de formações significantes, não podemos hoje resolver, não podemos tentar dar uma alternativa? Há um sujeito, esteja onde estiver, seja em que lugar for, que encontra na língua, e somente na língua (ou nas linguagens, naturalmente), as formas possíveis da sua expressão, da sua externalização, da sua realização, ou, ao contrário, existe a produção semiótica e linguística que o sentido torna ativa e induz, a qual faz florescer no seu entorno as figuras necessárias que ela pressupõe, como condição de existência dos seus produtos? Existe um sujeito da Enunciação ou existe uma subjetividade que a Enunciação prevê? A suspeita de que tal alternativa possa decidir entre duas atitudes diferentes e possa influenciar fortemente a perspectiva de pesquisa do futuro próximo encontraria reforço no momento em que voltássemos um passo e retornássemos a destacar duas possíveis definições de subjetividade como tema fenomenológico propriamente dito: é o Sujeito pólo dessa correlação enquanto receptor e sancionador do mundo enquanto tal, de quanto o mundo pode produzir e dos valores que o Mundo, no campo de exercício das suas dinâmicas relacionais internas, expressa enquanto enunciado de fato, enquanto cena dada, oferecida de vez em quando à apreensão de uma instância receptiva que outra coisa não é que uma função de inerência destes mesmos valores, ou, ao contrário, é o Sujeito fonte da valorização, produtor do Mundo enquanto lugar de investimento de valores dos quais é portador, ou enquanto lugar de realização de intentos e intenções, enquanto resultado externalizado de uma atividade orientada à realização de uma finalidade de sentido que é, em substância, uma realização de si?

Porque a alternativa parece surgir, no fim, em termos bastante preempatórios, de uma escolha entre de um lado, a assunção de uma subjetividade *a priori*, em respeito à cena mundana na qual encontra realização, e de outro, o reconhecimento de uma subjetividade como função *a posteriori*, e residual, dos funciona-

mentos sistêmicos no qual as relações de sentido se fazem nas suas transformações recíprocas. Existe, em suma, um sujeito da enunciação antes do enunciado produzido (e então como falar dele, de qual ponto de observação fazer eventualmente uma classificação das suas formas, das fisionomias, estabelecer-lhe uma tipologia)? Ou existe a produção das formas do sentido que, enquanto enunciadas, porque sempre já dadas a cada vez, deixam-se ver, deixam-se apreender por uma instância, que decretam a sua relevância, que atestam a sua inerência? Neste segundo caso, a Enunciação não poderia mais ser descrita e conhecida sobre a base das formas intencionais de uma produção subjetiva (por exemplo, através de uma tipologia que saiba distinguir entre sujeito, quase-sujeito e não-sujeito, devido a uma modalização dos graus de assunção de uma responsabilidade predicativa, segundo a forte hipótese de Coquet (2013)), mas sim evidenciando uma dinâmica de articulação da própria apreensão, da apreensão como “-cepção” (percepção, recepção, concepção...) do sentido enunciado. Precisamente sobre este ponto uma opção radicalmente intersubjetiva poderia se reafirmar como fundamento da subjetividade, opção que pode estar compreendida *no interior da dinâmica enunciacional*, a relação de cada um com o outro, de cada sujeito com qualquer outro que o mundo contém e ao mesmo tempo é. Com efeito, este é, também, de novo, o local onde se pode fazer valer a alternativa: devemos entender a intersubjetividade fenomenológica nos termos de relações entre atores da enunciação que trocam enunciados entre si, em um jogo de produção de discursos no qual cada um é o que seu dizer lhe consente exprimir, e no qual a posição de recepção, feitas as contas, é secundária (categoria de “Pessoa/Não subjetiva”, segundo Benveniste) ou, ao invés, a intersubjetividade, da qual a fenomenologia nos fez perceber e tomar consciência, é outra coisa, é a produção de alteridade no interior de uma relação sujeito-objeto que, no seu ser mundano em todos os aspectos, modela-se de quando em quando a partir do enunciado apreendido, do enunciado entendido? Neste caso, não haveria posições subjetivas secundárias, no sentido próprio, a não ser que pela intenção expressiva, a tomada da palavra que enuncia cada enunciado, segundo o modelo da sua “produção”, depende do modo pelo qual o enunciado, por si mesmo, se oferece à apreensão, se oferece a um Enunciatário que, enquanto enunciatário e, por isso, garantia da significatividade do enunciado, projeta no mundo o que o enunciado é – no interior da cena que o horizonte do enunciado circunscreve e configura – intenção singular, posição fonte, concretização da força expressiva, de quantos sejam os enunciadores que ocupem a posição do EU sozinho em virtude das atribuições que o TU produza. Não se trataria portanto de posições secundárias, como se dizia, enquanto função interna

na assunção do enunciado como efeito de sentido produzido. Desta maneira, é o enunciado-Mundo que produz a própria realização; é o Sentido que se torna disponível no seu significar por uma instância que o captura, e que é investida nele, e que, precisamente por esta razão, está no Mundo, no seu oferecer-se fenomenologicamente como Objeto perante um Sujeito intencional (o Tu cujo enunciado se endereça e que corresponde ao pólo subjetivo da correlação essencial), e assim se podem produzir as posições de enunciadores virtualizados, nada além do que formações do Mundo, nada além do que articulações do próprio Enunciado.

Talvez nesta formalização de um esquema enunciativo inverso, que obviamente necessita de uma elaboração mais trabalhada, se possam encontrar os traços de uma possível teoria fenomenológica da enunciação, uma teoria que possa conectar seus resultados mais recentes de uma fenomenologia da subjetividade (da intersubjetividade, pois) com a exigência de uma descrição estrutural da produção do discurso (ou melhor, do produzir-se discurso como autoatualização do Sentido). ●

Referências

Coquet, Jean-Claude

2013. *A busca do sentido*. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: WMF Martins Fontes.

Greimas, Algirdas Julien

1956. L'actualité du saussurisme. *Le français moderne*, nº24, p. 191-203. Disponível em: http://www.revue-texto.net/Saussure/Sur_Saussure/Greimas_Actualite.html

[Trad. br. A atualidade do saussurismo. *Linguagem*, edição 04, 2009. Trad. Luciana Salgado. Disponível em: http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao04/04_010.php].

Merleau-Ponty, Maurice

1999 [1945]. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes.

Dados para indexação em língua estrangeira

Marsciani, Francesco
Phénoménologie du langage et énonciation
Estudos Semióticos, vol. 14, n. 1 (edição especial) (2018)
ISSN 1980-4016

Résumé: *Une théorie de l'énonciation sémiotiquement informée demande une affirmation radicale des thèses phénoménologiques concernant l'engendrement du discours. De même, une sémiotique de la subjectivité ne saurait se passer d'une prise en considération de la dimension intersubjective qui forme, d'un point de vue phénoménologique, l'instance constitutive du sens du monde. Sur la toile de fond d'une théorie de la signification toujours en retrait, de nos jours, sur cette prise de position fondamentale, cet article se propose de montrer que la théorie de l'énonciation reste tiraillée entre une perception égologique de la production du sens, d'une part, et une conception résolument intersubjective, de l'autre. On suggère en conclusion qu'une conception à proprement parler intersubjective de l'engendrement du sens se doit d'enrichir la théorie de l'énonciation d'une véritable approche de l'altérité qui autoriserait la description des intentions communicatives à partir d'une intentionnalité transcendante sous-jacente.*

Mots-clés: *phénoménologie ; langage ; énonciation ; subjectivité ; sémiotique*

Como citar este artigo

MARSCIANI, Francesco. Fenomenologia da linguagem e enunciação. *Estudos Semióticos*. [on-line], volume 14, n. 1 (edição especial). Editores convidados: Waldir Beividas e Eliane Soares de Lima. São Paulo, março de 2018, p. 133-137. Disponível em: (www.revistas.usp.br/esse). Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 05/11/2017

Data de sua aprovação: 10/01/2018
